

A beleza sob diferentes olhares*

Maria Elci SPACCAQUERCHE

São Paulo, SP, Brasil.

Resumo

Este artigo tem como propósito refletir sobre a beleza, um tema presente desde o início da civilização. Apoiando-se em autores clássicos, como Platão, e contemporâneos como Scruton, Ferruci e Botton, o trabalho analisou o significado e a representação da beleza ao longo do tempo. Até o início do século XX, a beleza era um valor tão importante quanto a verdade e a bondade, como mostram inúmeras obras artísticas e formas arquitetônicas, principalmente na arte sacra e nas construções das igrejas católicas. Já, a partir da década de 1930, o oposto da beleza, a feiura, encontra expressão em obras de artistas como Marcel Duchamps. Desde então, a feiura e a funcionalidade vêm sendo incorporadas à arte e à arquitetura. O artigo explorou ainda o conceito da inteligência estética e suas diferentes manifestações. Por fim, o trabalho abordou a beleza enquanto ressignificação da própria vida, como elemento de harmonia, bem-estar e cura.

Conflito de interesses:

A autora declara não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.

Descritores

estética, artes, psicologia junguiana.

*Artigo derivado de trabalho apresentado no "V Simpósio de Psicologia Analítica – Arte, Estética e o Belo," Universidade – UNIP, São Paulo em novembro 2016



Recebido: 29 abr 2019; 1ª revisão: 27 maio 2019; Aprovado: 24 jun 2019; Aprovado para publicação: 26 ago 2019

The beauty from different views

Abstract

This article aims to reflect on the theme of beauty, present since the beginning of civilization. Based on classical authors like Plato and contemporaries such as Scruton, Ferruci and Botton, the paper analyzes the meaning and representation of beauty over time. Until the early twentieth century, beauty was an important value such as truth and goodness, as shown by numerous works of art and architectural forms, especially in sacred art and in the construction of Catholic churches. By the 1930s, the opposite of beauty, ugliness, finds expression in works of artists such as Marcel Duchamps. Since then, ugliness and functionality have been incorporated into art and architecture. The article also explores the concept of aesthetic intelligence and its different manifestations. Finally, the paper approached beauty as a resignification of life itself, as an element of harmony, well-being and healing.

Descriptors

aesthetics, arts, Jungian psychology.

La belleza bajo diferentes visiones

Resumen

El objetivo de este artículo es reflexionar sobre la belleza, un tema presente desde el comienzo de la civilización. Basándose en autores clásicos como Platón y contemporáneos como Scruton, Ferruci y Botton, el trabajo analizó el significado y la representación de la belleza a lo largo del tiempo. Hasta principios del siglo XX, la belleza era un valor tan importante como la verdad y la bondad, como lo demuestran numerosas obras de arte y formas arquitectónicas, especialmente en el arte sacro y en la construcción de iglesias católicas. Ya desde la década de 1930, lo contrario de la belleza, la fealdad, encuentra expresión en obras de artistas como Marcel Duchamps. Desde entonces, la fealdad y la funcionalidad se han incorporado al arte y la arquitectura. El artículo también exploró el concepto de inteligencia estética y sus diferentes manifestaciones. Finalmente, el trabajo abordó la belleza como una resignificación de la vida misma, como un elemento de armonía, bienestar y curación.

Descriptorios

estética; artes; psicología junguiana.

Introdução

Tema presente desde o início da civilização, a beleza pode ser encontrada nas artes (obra humana) e na natureza. Até o início do século XX, a beleza era um valor tão importante quanto a verdade e a bondade, o que pode ser observado nas construções das igrejas, na arte sacra e nos relatos históricos, como mostra Scruton (2015). Piero Ferruci (2010) inclui a inteligência estética no rol das diferentes inteligências, como a emocional, a lógica, a cinestésica entre outras. Outro aspecto da beleza é o da ressignificação da própria vida. A beleza traz harmonia, bem-estar e cura como demonstra Alain de Botton e Armstrong (2014). Para Platão, Deus se revela por meio da beleza (Scruton, 2015). O belo é para ser contemplado e não possuído.

Enquanto arquétipo, a beleza tem seu oposto na rejeição e na feiura, traços incorporados à arte na década de 1930, com Duchamps e a arte moderna.

A beleza na antiguidade

Contemplando a beleza com os olhos da mente você será capaz de nutrir a verdadeira virtude e se tornar amigo de Deus (Scruton, 2015).

Para Platão (século IV a.C.), a beleza é sinal de uma ordem superior, pois Deus se revela por meio dela (Scruton, 2015) (Figura 1). Segundo Platão, Deus existe e está em um mundo que nos transcende e que não conseguimos atingir. Nós somos peregrinos na Terra, estamos de passagem, muito distantes deste Deus transcendente. No entanto, existe uma forma de deslumbrar essa esfera divina e ela acontece por meio da experiência da beleza.



Figura 1. Detalhe da Capela Sistina “A criação de Adão” (Michelangelo, 1511).

Reproduzido de

<https://www.google.com/search?rls=en&q=michelangelo+obras&tbm=isch&source=univ&client=safari&sa=X&ved=2ahUKEwiq5eak277hAhUPGrkGHY7IBbEQiR56BAgMEBg&biw=1240&bih=671#imgrc=7RnAkadc0Dhb7M>

De acordo com Roger Scruton, filósofo inglês: “Entre 1750 e 1930 se alguém perguntasse para uma pessoa letrada a finalidade da poesia, da pintura, da música, da arte em geral, ouviria como resposta que era a Beleza” (2015). Scruton (2015) afirma ainda que a beleza era, então, um valor tão importante quanto a verdade e a bondade. O caos e o sofrimento eram redimidos pela arte, pelo belo. “O belo é a consolação”, acrescenta Scruton (2015). Pela arte, os nossos sofrimentos são transformados e a vida pode parecer ter algum sentido. A obra de arte pode transformar uma realidade sórdida em algo belo, como vemos em várias pinturas de Caravaggio (1571–1610) (Figura 2).



Figura 2. Detalhe do quadro “Medusa” (Caravaggio, 1596–1597). Reproduzido de <http://www.dailyartmagazine.com/caravaggio-medusa/>

Em sua concepção clássica, a beleza é um valor universal. Trata-se de um bálsamo disponível para todas as pessoas. “Sem ela a angústia e o desespero levam a melhor sobre a alma e o mundo” (Scruton, 2015).

Até há algum tempo, quando não existia tanta tecnologia ao nosso dispor, a arte sacra da Idade Média, as obras de arte nas igrejas católicas e a própria arquitetura das igrejas eram objetos de admiração e contemplação. No ato de contemplar, as pessoas podiam dar sentido ou uma nova dimensão para as próprias agruras e sofrimentos. Assim, ao ressignificar seus sofrimentos o indivíduo poderia encontrar paz para sua alma.

Scruton (2015) destaca que para Platão, o amor e a beleza se iniciam e fluem a partir de Eros, uma força cósmica que nos faz sentir apaixonados. A força do amor flui através do desejo sexual. Ao analisar essa pulsão, Scruton (2015) faz o seguinte raciocínio: o desejo sexual nos leva a escolhas: a adoração/contemplação ou a satisfação do apetite sexual, o amor ou a luxúria. Dar ou tomar. O sentimento de luxúria relaciona-se com a posse, com o tomar. Ainda segundo Scruton (2015), a fim de que a beleza não seja corrompida, Platão propôs o sentimento sem a posse. Tal sentimento ficou conhecido como amor platônico. Uma forma humana bela deve nos levar ao divino e ser contemplada.

No quadro “O nascimento de Vênus” (Figura 3), o pintor italiano Botticelli (1445–1510) retratou esse amor ideal platônico. Na pintura, pode-se observar que o olhar de Vênus está voltado para um local distante. A deusa nos convida a transcender os apetites. É uma beleza que nos convida à contemplação e não à posse.



Figura 3. “O nascimento de Vênus” (Botticelli, 1484–1486). Reproduzido de <https://artsandculture.google.com/asset/the-birth-of-venus/MQEq50LABEBVg?hl=pt-BR&ms=%7B%22x%22%3A0.5%2C%22y%22%3A0.5%2C%22z%22%3A9.016628871885601%2C%22size%22%3A%7B%22width%22%3A1.418800728570817%2C%22height%22%3A1.2375000000000003%7D%7D>

Para Platão e Botticelli, a beleza deve ser contemplada e não possuída. Mas, a beleza não aparece somente no rosto da Vênus, de Botticelli, ou nas formas perfeitas do corpo humano, como a estátua de Davi, de Michelangelo (Figura 4). As pinturas de Rembrandt, pintor holandês (1606–1669), nos mostram que a beleza e a arte estão nas cenas mais corriqueiras e simples do cotidiano, como em “A ronda noturna”, “A noiva judia” e “Os síndicos da guilda dos fabricantes de tecidos” (Figura 5).



Figura 4. Detalhe de “Davi” (Michelangelo, 1501-1504). Reproduzido de <http://www.portaldarte.com.br/23-escultura/00-04-David-Michelangelo.htm>



Figura 5. “Os síndicos da guilda dos fabricantes de tecidos” (Rembrandt, 1662).

Reproduzido de *Wikipedia* -

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiF35nlm77hAhUwILkGHdiUAHYQu_MBKAB6BAGJEA&url=https%3A%2F%2Fartsandculture.google.com%2Fasset%2Fthe-syndics%2FZgHt6DZhk-6SVw%3Futm_source%3Dgoogle%26utm_medium%3Dkp%26hl%3Dpt-BR%26avm%3D2&usq=AOvVaw3MtUlxWk157yewMCtK9wV7

Vermeer (1632–1675), o pintor de Delf, Holanda, também destacou a beleza através da luz, retratando momentos cotidianos extremamente belos como “A moça do brinco de pérola”, “A leiteira” entre outros (Figuras 6 e 7). Nas mãos de Vermeer, a harmonia, a luz, as cores transformam o cotidiano em arte. Porém, é preciso ter olhos para ver e coração para sentir.



Figura 6. Detalhe de “A moça do brinco de pérola” (Vermeer, 1665). Reproduzido

de <https://artsandculture.google.com/asset/girl-with-a-pearl-earring/3QFHLJgXCmQm2Q?hl=pt-BR>



Figura 7. Detalhe de “A leiteira” (Vermeer, 1665). Reproduzido de <https://artsandculture.google.com/asset/the-milkmaid/9AHRwZ3Av6Zhjg?hl=pt-BR&ms=%7B%22x%22%3A0.5%2C%22y%22%3A0.5%2C%22z%22%3A8.65223840094997%2C%22size%22%3A%7B%22width%22%3A2.538997841586982%2C%22height%22%3A1.237500000000014%7D%7D>

A inteligência estética

Tudo vale a pena, se a alma não é pequena.
(Fernando Pessoa)

Há alguns anos, estuda-se os vários tipos de inteligência. Daniel Goleman (1995) trouxe a ideia de que, além da inteligência lógica, existe a emocional. Depois, em estudos desenvolvidos na década de 1980, Howard Gardner (1994) apresentou o conceito de inteligências múltiplas, como a cinestésica, a espacial, a musical e a inteligência espiritual. Piero Ferrucci (2010), psicoterapeuta e filósofo italiano, propôs a **inteligência estética** como mais um conceito de inteligência a ser considerado.

A inteligência estética é a capacidade de perceber o belo, sendo que tal capacidade varia de pessoa para pessoa, considerando três fatores: amplitude, profundidade e capacidade de integração.

As pessoas que têm uma larga amplitude costumam encontrar beleza nas mais diversas situações, como em uma poesia, na decoração de uma casa, nas flores silvestres em um vaso, em um filme, nas coisas mais simples da vida. De outro lado, há aquela pessoa que verá beleza apenas em uma composição de Beethoven, por exemplo, ou em um quadro de Monet.

A profundidade é outro aspecto da inteligência estética. Para algumas pessoas, a beleza é percebida de maneira mais superficial, ela não chega a tocá-las. Outras pessoas já são profundamente tocadas pela percepção de algo belo.

A capacidade de integração também varia de pessoa para pessoa. O indivíduo aprecia a beleza, porém, como não é tocado profundamente por

ela, a experiência não o move para um novo olhar, um novo pensar. Em outras pessoas, o belo consegue alterar pontos de vista, influenciar o cotidiano, transformando aspectos do pensamento e das relações.

A beleza nos faz amar a vida

Algumas pessoas são capazes de ver beleza em todos os lugares ou situações; outras permanecem ancoradas em experiências conhecidas, familiares, que se tornam hábitos estéticos.

Para Ferrucci (2010), as pessoas que têm maior amplitude para ver o belo, que não se restringem a determinadas situações, têm personalidades mais ricas, são mais flexíveis e abertas para novos conhecimentos e têm maior capacidade para realizar mudanças. Aquelas de menor amplitude, em geral, suspeitam das novidades e não se propõem a mudanças, pois temem perder o equilíbrio interno que, de alguma maneira, está ancorado na mesmice dos hábitos. Observou-se que as pessoas com maior amplitude e maior profundidade são, em geral, mais entusiasmadas. Isso quer dizer que Deus habita suas almas: *en-theos*, ou seja, deus está dentro.

A beleza, além de consolar e dar esperança, como disse Roger Scruton (2015), amplia as conexões com o mundo e nos conecta com uma ordem superior, com o divino.

A arte no século XX

A outra face da beleza

Com o desenvolvimento da ciência, o mundo passou a girar em torno dos “porquês” e dos “para que”, da razão e da funcionalidade, em detrimento dos sentimentos e da sensibilidade. A concepção de mundo mudou e a da arte também. Tudo o que existe e que se cria precisa ter uma funcionalidade.

A teoria de Platão parecer ter sido esquecida neste século. No entanto, sabe-se que ela muito influenciou a concepção de vida da civilização ocidental

Modernos arquitetos passaram a defender a ideia de que a forma segue a função. Por um lado, essa defesa é importante para o desenvolvimento de utensílios que consideram a ergometria para seu melhor manuseio. Por outro lado, e aqui entra a questão do belo, essa concepção de vida vem eliminando qualquer coisa que não seja útil. Tudo deve ter uma função; estamos na era do homem que faz, o *homo faber*. Existe a necessidade de se estar fazendo coisas o tempo inteiro. Trata-se de uma sociedade do fazer e da funcionalidade. Matas e árvores são derrubadas em nome da funcionalidade, das rotas de carros ou do gado. Em razão disso, deixa-se de lado a harmonia, a contemplação e a beleza.

Para Scruton (2015), essa doutrina que privilegia a função em detrimento da forma justificou o maior crime contra a arte na arquitetura moderna nos anos 1960, uma época de construções de prédios frios e feios.

O que se percebe é que, ao priorizar a função em geral, perde-se a beleza e, depois de um tempo, perde-se a própria função. Os prédios que são abandonados porque perderam a função e ninguém mais quer viver neles são exemplos dessa situação. Descarta-se todos os utensílios que não têm mais utilidade. A tecnologia cria cada vez mais objetos, como o celular, que são necessários e úteis e também altamente descartáveis. São objetos que se transformam em lixo, em montanhas de lixo, que substituem as matas. O desenho animado *Wall-E* mostra bem como ficaria a terra com todas essas montanhas de lixo e com o verde, a vegetação, totalmente eliminado. Na animação, o robô trabalha empilhando o lixo, trocando as pilhas de um lado para outro, e tenta salvar uma única planta.

No século XX, segundo Scruton (2015), a beleza foi substituída por dois cultos: à utilidade e à feiura e ambos se entrelaçam.

Além do pragmatismo exagerado, do utilitarismo imediatista, outro fator contribui para a cultura da feiura, qual seja, o egocentrismo. No último século com Nietzsche, filósofo alemão (1844–1900), e o desenvolvimento da psicologia, mais do que nunca o homem se viu e se vê ainda como o centro de todas as coisas existentes. O culto ao ego e ao que é de sua posse traz uma visão de mundo que afasta as pessoas umas das outras. Isso porque o “meu” desejo, as “minhas” necessidades, o “meu” ponto de vista, a “minha” visão de mundo são verdades incontestáveis. A “minha” verdade **é** a realidade.

O egocentrismo e o utilitarismo contribuíram não apenas para a alienação do homem atual, eles também o afastaram da beleza, com o quase desprezo às virtudes ou aos valores que não são necessariamente úteis, como a amizade, o amor, a gentileza, a lealdade, entre outros.

Nossa sociedade de consumo tem, na publicidade de seus produtos, apelos para os desejos básicos, sexuais em geral. As imagens publicitárias tornaram-se tão importantes, que são consideradas obras de arte. Mas na publicidade pode-se ver claramente a diferença entre a beleza que nos transforma, nos eleva, e a beleza que é consumida e banalizada. A diversidade de produtos e toda a publicidade em torno deles nos empurram para a necessidade de ter, de possuir coisas. Dessa maneira, nossa conexão com o mundo não se faz por meio da alma, mas pela aparência e prestígio social. Somos levados a acumular sem pensar e a eliminar sem cuidado. Tais imagens apresentadas pela publicidade, ainda que belas, servem mais à luxúria do que à contemplação e ao amor, considerando o ideal de amor platônico.

Por sua vez, a beleza não é um objeto, ela se apresenta neles. Ela não pode ser reduzida a um objeto, pois ela está na alma de quem vê e sente. Se a beleza não é um objeto, mas se apresenta neles, será a beleza um arquétipo?

Beleza como arquétipo

Ao considerar a beleza como um arquétipo, pode-se entender que suas manifestações estão nas imagens arquetípicas, ou seja, na arte, na natureza.

Como todo arquétipo, algumas pessoas são mais tocadas por ele, outras menos, e outras chegam mesmo a ser possuídas por ele. Esse arquétipo mobiliza as pessoas para trazer o belo para seu cotidiano, na forma de se vestir, independentemente de trajes caros, na harmonização da casa, da mesa de trabalho etc. Além de mover aqueles com talentos para reproduzirem as imagens de beleza, criando pinturas, esculturas, peças em cerâmica etc.

Como arquétipo, contém seu oposto, que é a feiura. Piero Ferrucci (2010), destacou outro fator a ser considerado nessa reflexão: a hostilidade e as reações agressivas que a beleza tem provocado nesse último século.

A hostilidade, como se pode observar, vai além da beleza, e se estende para a bondade, a justiça a ordem, a inteligência. Aqui têm-se inúmeros fatos a contar: por exemplo, os alunos mais inteligentes, em geral, são chamados de “nerds”; os mais gentis e corretos, de “coxinhas”. Essas são atitudes, segundo Piero Ferrucci (2010), que mascaram uma rebelião contra a excelência. Nesse caso, a excelência ou as virtudes são os arquétipos, a energia psíquica que se manifesta nesses comportamentos.

Podemos pensar em algumas explicações para isso. Ferrucci (2010) apresentou pelo menos duas. A primeira diz respeito ao culto à beleza física, que pode fazer com que algumas pessoas que se acreditam feias, sintam-se excluídas e inferiores. Isso pode torná-las críticas, superficiais e até mesmo violentas. A segunda explicação está no fato de que o encontro com a beleza pode ser perturbador para algumas pessoas, porque as faz entrar em contato com novas dimensões da realidade ou com outra dimensão que elas parecem temer.

Segundo Ferrucci (2010), quem cria a feiura é capaz de cometer crimes, como desfigurar o meio ambiente ou danificar um monumento, ou ainda, criar um software com conteúdo violento. São crimes que nem sempre levam à punição e alguns deles, inclusive, apresentam lucros financeiros consideráveis.

Da mesma maneira que a feiura desequilibra e provoca a agressividade e a violência, a beleza faz as pessoas sentirem-se melhor, mais tranquilas, e pode trazer à tona o melhor de cada um, como mostra reportagem publicada no jornal “O Estado de São Paulo” sobre o jovem Gustavo de Souza. Nascido no bairro de Heliópolis, São Paulo, sem muitos recursos, ele teve a oportunidade de estudar música e toca contrabaixo em uma orquestra sinfônica de São Paulo. Gustavo contou que foi conhecendo o repertório clássico e se apaixonando por ele. “[...] Estar no palco fazendo música é algo que nos transporta para outros lugares” (Sampaio, 2016).

Outro lado da beleza trata do seu aspecto sedutor, tentador e sinistro. O Diabo não é feio, se assim o fosse todos o reconheceriam. A beleza pode atrair para abismos, como a música das sereias que atraía os argonautas. Tem-se ainda, no romance “O egípcio”, a tentação de Nefernefernefer.



Figura 9 – “Onde vamos dançar essa noite?” (Goldschmied & Chiari, 2015). Reproduzido de <http://on.ig.com.br/imagem/2015-10-27/obra-de-arte-e-confundida-com-sujeira-e-destruida-por-faxineiros-em-museu.html>

A beleza da alma

A palavra beleza não é aplicada somente a coisas visíveis ou aquelas que atingem nossos sentidos e, através deles, nossa alma. A palavra beleza também pode ser atribuída a conceitos abstratos como honestidade, lealdade, generosidade, bondade. Fala-se em beleza interior ou beleza da alma. Quando o bom é separado do belo, há um empobrecimento do ser, da vida e de seu sentido.

Segundo Piero Ferrucci (2010), a menos que se enxergue a bondade na beleza, não se entende a beleza e, a menos que se enxergue a beleza na bondade, não se entende o que é bondade. A beleza de um rosto traduz a expressão espiritual e a bondade se revela.

Para James Hillman, psicólogo norte-americano, “a cisão entre beleza e bondade é deletéria e dolorosa, trazendo o sentimento de desarmonia e separação” (Ferrucci, 2010, p. 167, tradução nossa). De acordo com Platão, a beleza é o aspecto visível da bondade. A beleza comove e conecta com o mistério da vida (Scruton, 2015).

A cisão que existe no mundo ocidental entre beleza e bondade não existe entre os índios navajos. Para eles, a beleza é fundamental. Os navajos possuem uma única palavra que traduz a ideia de saúde, beleza, bondade, harmonia e felicidade. A palavra é **hozho**. No pensamento navajo não há distinção entre homem e natureza.

A beleza cura

O processo de cura reside dentro de cada um. Quando se sofre um abalo emocional ou mesmo quando se tem uma indigestão, um resfriado, é preciso cuidar e procurar uma forma de cura. Pode-se auxiliar o processo de cura de várias maneiras, além do uso de medicamentos necessários. Em geral, é preciso descanso, silêncio e uma boa música ou uma boa poesia. Às vezes,

de um chocolate quente e um filme de sessão da tarde. A beleza simples do cotidiano pode também ajudar, dentro da organização e da harmonia.

Em trabalhos desenvolvidos dentro da clínica psicológica, o contato com a beleza, com o belo, mostrou que pode acelerar o processo de cura. Às vezes, mais rapidamente do que os medicamentos.

Alain De Botton e Armstrong (2014), em seu livro “Arte como terapia”, apresentaram sete pontos sobre a importância da arte. Para eles, a arte:

- 1) auxilia a memória – “a arte torna os frutos da experiência memoráveis e renováveis. Ela entesoura nossos ganhos coletivos” (p. 65);
- 2) é provedora de esperança – “a arte mantém à vista coisas agradáveis, pois sabe-se como é fácil cairmos em desespero” (p. 65);
- 3) é fonte de dignidade para o sofrimento, contribuindo para o reconhecimento de que o sofrimento faz parte de nossa existência;
- 4) é agente de equilíbrio – busca equilibrar nossa natureza e nos guiar para as melhores possibilidades;
- 5) possibilita a reflexão e o autoconhecimento – ao se identificar com a obra de arte, seja um quadro, seja uma música, uma pessoa pode reconhecer melhor seu jeito de ser;
- 6) amplia a nossa experiência, seja ela sensível – ligada aos nossos sentidos –, seja ela de conhecimento das questões humanas e das culturas; e
- 7) recupera a nossa sensibilidade, podendo prover um novo olhar para as coisas mais simples.

Conclusão

A única desculpa de ter feito uma coisa inútil é admirá-la intensamente. Toda arte é absolutamente inútil (Wilde, 1974).

De fato, a arte e a beleza não são úteis, entendendo utilidade como praticidade, mas são importantes para a alma. Desde o princípio da civilização, filósofos e artistas perceberam o significado da beleza e sua relação com um mundo atemporal e divino. A beleza não precisa ser útil, no sentido apregoadado no século passado. No entanto, a beleza é necessária.

Para muitos, a beleza não se explica; trata-se de uma evidência que fala aos nossos sentidos e ao nosso coração. A beleza se revela através do olhar, do ouvir, do sentir.

As pessoas não são governadas somente por necessidades instintivas como comer, beber, dormir, sexo. Elas também têm necessidades morais e

espirituais. É preciso satisfazê-las, para que seja possível se conectar com o sentido da vida.

Para Piero Ferrucci (2010), a arte nos ajuda a compreender as pessoas com suas diferenças e compreender outras culturas e outras visões de mundo. A arte expande a inteligência, quebra estereótipos e nos dá alegria. Considerando esses autores podemos entender que cultivar o belo é necessário para o próprio desenvolvimento do ser humano, e ainda que a beleza inspira uma atitude aberta, menos defensiva e, ao invés de nos endurecer nos torna mais receptivos à vida.

Referências

- De Botton, A., & Armstrong, J. (2014). *Arte como terapia* (D. Bottmann, trad.). Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Ferrucci, P. (2010). *Beauty and Soul: The extraordinary power of everyday beauty to heal your life*. New York: Pinguin Group.
- Gardner, H. (1994). *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente* (M. Santarrita, trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Sampaio, J.H. (2016, 13 de novembro). Revolução musical: alunos de projetos sociais mudam a cara da cena clássica. *O Estado de S. Paulo*, p. 40. (Caderno 2).
- Pessoa, F. (1980). Mar português. In *Eu profundo e outros eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Scruton, R. (Roteirista e Apresentador), & Lockwood, L. (Diretora). (2015). *Why beauty matters?* [YouTube]. [s.l.]: BBC. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=bHw4MMEnmpc>
- Waltari, M. (1950). *O egípcio* (J.G. Vieira, trad.). [s.l.]: Gráfica Editora Brasileira.
- Wilde, O. (1974). *O retrato de Dorian Gray* (C. Lispector, trad.). Rio de Janeiro: Ediouro. (Trabalho original publicado em 1890).

Minicurrículo: Maria Elci Spaccaquerche – Psicóloga, com especialização em Educação e Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia. Mestre em Psicologia Social. Terapeuta junguiana. Coordenadora da coleção “Amor e Psique”, tradutora, autora e organizadora de livros. Autora e coordenadora do programa e serviço de orientação profissional, via internet (www.mariaelci.com.br). E-mail: mariaelcis@gmail.com